

Aderente

Adriana Patrício Vignoli



Imagem 1 –Aderente, 2019. Muda de abacate, vidraria laboratorial, terra vermelha, água, tubo de latão e cabo de aço.

Em 2017, numa revista científica, me recorde de ler sobre “dois buracos negros distantes que espiralaram em torno um do outro numa dança mortal até se fundirem”
Em 2015, essas perturbações chegam na Terra. A distância destes buracos até o nosso planeta é de 1 bilhão de anos luz. O impacto sobre tal acontecimento foi tão grande que fiz anotações e desenhos do fenômeno, pois me provocaram a pensar sobre como fenômenos tão distantes chegam até nós.

Dentre tantos caminhos, quais a escultura contemporânea poderia atuar para estabelecer o diálogo entre o espaço interior e o exterior, o micro e o macro cosmos? Como estabelecer algum atravessamento entre semente, água e ar, entre útero e colo, entre casa e rua ou entre terra e céu.

Atualmente, a casa que habito era residência artística, espaço expositivo e ateliê. Hoje é casa de uma pequena família e ateliê coletivo. Ela tem sala de cursos, cozinha, quartos e sala. A casa é estrutura interna e habita vidas, que tornam-se experiência fronteiriça entre territórios da arte, do beco, dos amigos, da família. Uma coisa contamina a outra. O espaço íntimo se aproxima de contextos coletivos e o espaço coletivo tangencia o íntimo.

Enquanto isso, a semente cresce em busca da luz que vem do espaço externo. Talvez uma possibilidade de dissolver novas fronteiras da escultura contemporânea seja através de matérias orgânicas e não orgânicas feita de construções geométricas, advindas de um pensamento utópico, e espontâneas, advindas da imprevisibilidade da vida. Estas construções poderiam atravessar espaços e interagir, de alguma maneira, com o espaço cotidiano.

No livro *A Inconstância da Alma Selvagem*, Viveiros de Castro expõe nessa passagem de literatura jesuíta escrita por Padre Antônio Vieira (1657) as diferenças culturais entre índios e europeus:

“... veríeis ... dois gêneros de estátuas muito diferentes, umas de mármore, outras de murta. A estátua de mármore custa muito a fazer, pela dureza e resistência da matéria; mas, depois de feita uma vez, não é necessário que lhe ponham mais a mão: sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estátua

de murta é mais fácil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos, mas é necessário andar sempre reformando e trabalhando nela, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de assistir, em quatro dias sai um ramo que lhe atravessa os olhos, sai outro que lhes descompõem as orelhas, saem dois de cinco dedos lhe fazem sete, e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis aqui a diferença que há entre umas nações e outras na doutrina da fé... “

Pensar na escultura como cresce a murta seria semelhante a tentativa de construir uma obra mutável e perene de inconstâncias perante sua constância estrutural, como na experiência inicial realizada para a disciplina **Métodos e Processos em Arte Contemporânea 1** da artista e professora **Karina Dias**. A obra *“Como Sustentar um Abacate”* (2019), foi a primeira experiência que habita uma relação afetiva e geográfica entre escultura, semente germinada e o esforço do movimento para o espaço exterior.

A obra é feita de estrutura de vidro, água, terra vermelha, tubo de latão, cabo de aço e semente de abacate já germinada. A intenção é que suas dimensões possibilitem o toque tanto com a estrutura arquitetônica do espaço interno da casa, quanto o toque com o exterior. Para que haja associação de ideias e energia, uma coisa tem que tocar na outra.

A disposição da semente de abacate na vidraria suspensa foi uma grande travessia de fronteira de minhas anteriores experiências escultóricas e vem da reflexão sobre como habitar novas fronteiras escultóricas. Como conectar um espaço a outro, uma superfície a outra, uma matéria a outra. Como escreveu Ana Martins Marques *“Como conversam as coisas com as coisas”* (MARQUES, 2017). Entre as coisas há fronteiras e esta experiência pensa como dissolvê-las.

(...)
Penso que só sabe da casa
quem precisa atravessar
rapidamente uma fronteira.
(...)

Adentrar novos espaços, repensá-los e re-significá-los. Utopias de alteração de percurso que conectam corpos íntimos, espaços internos com espaços externos. Este

início de processo poético pretende habitar novas relações geográficas e expandir formas escultórica para áreas exteriores. Para Hélio Oiticica “*as formas originárias vêm do incomensurável infinito e geram todas as outras. (...) São simétricas e transcendem a tudo que se pode imaginar. Concretamente o círculo se enquadra nestes princípios.*” (OITICICA, 1986). Seria como o ponto de mais profundo silêncio e os mais estrondosos barulhos no nosso micro e macrocosmos. A pesquisa destes próximos anos pretende adentrar em questões da alma e do espírito de possíveis caminhos da escultura contemporânea.

No caso de *Aderente*, a construção geométrica é possibilidade de crescimento próprio, autônomo. A semente rompe-se, religa-se e transforma-se entre interior e exterior. Como um útero de fluido e terra vermelha. Um útero é do tamanho do punho¹ e o punho, aqui, é força motriz para essa construção artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO de, Eduardo Viveiros. ***A inconstância da alma selvagem***. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREITAS de, Angélica. ***Um útero é do tamanho de um punho***. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

OITICIA, Hélio. ***Aspiro ao grande labirinto***. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MARQUES, Ana Martins. ***Como se Fosse a Casa: uma correspondência***. Ana Martins Marques; Eduardo Jorge. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

TIBERGHIEEN, Gilles A. ***Cabanas***. Tradução: Alberto Cipiniuk.

¹ Um *Útero é do Tamanho de um Punho* é título do livro de poesia de Angélica Freitas.